

Os “gênios” gostam de micro e ecologia

Parecido com o personagem que a mídia e o cinema pintam como “garoto nota dez” o nissei Júlio, aos 16 de idade — alto para a idade e míope de tanto estudar — parece mais um cientista japonês especialista em robótica. O que, aliás, pretende ser, depois de se formar em engenharia cibernética. Com aquelas lentes “fundo-de-garrafa”, e com o sonho de idealizar e construir robôs, Júlio assume que, em breve, terá que ir embora do Brasil.

“Mas vou voltar, e ajudar o meu país”, promete o “geninho”, cheio de convicção nacionalista. “Micreiro” de mão-cheia, ele tem o seu supermicro em casa, e tira de letra o básico que ensina o colégio. Mora no Lago Sul, não namora “por falta de tempo”, mas divide bem seu dia-a-dia: “Tem hora para tudo — estudar, jogar fliperama, curtir os amigos, ler romances...”

Júlio sabe tudo de Física e de com-

putação, mas seus melhores amigos acham isso “uma chatice”. O “amigo do peito”, então, é em tudo diferente dele. “Só gosta de videogame e de aazar as gatinhas”. E em segundo lugar, um outro “CDF”, o Paulo Henrique, que, aos 17 anos, faz Engenharia “e é uma fera, esse cara”, orgulha-se Júlio. em casa, só ele sabe acionar o micro — o pai, Fernando, é contador da Telebrás, e a mãe, Yoshiko, uma artesã. “Eles são incríveis”, garante o filho-coruja. A si próprio, vê-se como “um cara normal”, e a coleção de notas dez, “uma coincidência”. É sincero.

O terceiro “rachador” é Cristiano, que virou celebridade no Objetivo, aos 13 anos de idade, com o relatório que escreveu sobre a viagem que empreendeu à Amazônia, pelo “Projeto-Manaus”, Escola de Natureza”. Ele faz uma citação de Leonardo da Vinci: “Chegará um dia em que o homem conhecerá o íntimo de um animal, e neste dia, um crime contra um animal será um crime contra a humanidade”. “Cris”, como é chamado em casa e na escola, é “fissurado” em da Vinci, aos 13 anos de idade.

E por ecologia, também. Sua dedica-

tória, ele dedica “às pessoas que querem aprender sobre o meio ambiente”, e a elas, pede “que me ajudem a lutar contra essas dificuldades pelas quais a natureza está passando”. Cris não se limita à teoria. Tem uma visão objetiva sobre as coisas do cotidiano de Brasília, onde nasceu e vive: “O Lago Paranoá, por exemplo; as pessoas vivem debatendo sobre o que fazer para despoluí-lo, mas continuam jogando sujeira nele — a melhor solução, seria parar agora com a emissão de esgotos e detritos”.

“Micreiro” assumido, mexe há mais de um ano com um PC-386, mas não usa “joguinhos bobos, uso software” e, claro, vai ser engenheiro, um dia”. Abomina quem só pensa em videogame: “gente assim, terá problemas no futuro”. Sem ser radical, “até jogo videogame, às vezes”, mas prefere Matemática, Ciências e Informática. Se ele é um rachador? “Bobagem o que tenho é autoconfiança, estudo porque gosto, não sou obrigado — e adoro brincar com meus amigos, e jogar tênis com meu pai, à noite”. Ninguém duvida que o futuro, além de Deus, também pertence a Cristiano.